

# Boatos páram o País

Os boatos sobre mudanças na economia foram como um rastilho de pólvora nesta sexta-feira - que não era 13 e nem de agosto - mas 29 de janeiro. Em pouco tempo tomaram conta do Brasil inteiro. Os telefonemas foram tantos que congestionaram as linhas telefônicas de bancos e até de jornais, emissoras de televisão e revistas. Houve até uma inversão de papéis: os jornalistas que estão sempre telefonando, ontem recebiam mais ligações.

Do outro lado da linha estava um parente preocupado com o destino da economia que fez nos últimos anos, um vizinho aposentado, o dentista ou a professora de inglês. Todos com a mesma pergunta: "Vão confiscar a poupança?"

De nada adiantaram as entrevistas do presidente Fernando Henrique e do ministro Pedro Malan negando qual-

quer medida econômica. O temor do confisco era generalizado.

## Sofisticado

Todos tinham uma história do boato. "Uma amiga que trabalha no Planalto disse que vem um pacote econômico na segunda-feira, será que vem confisco?".

Uma secretária de ministro aproveitou a ligação: "Vocês jornalistas sabem tudo antes, vai ter mesmo confisco?" Outra dizia: "Uma amiga que trabalha no Banco Central mandou passar todo o dinheiro para a poupança, será que vão tomar o dinheiro da gente?", perguntou outra.

No mercado financeiro o boato é mais sofisticado. A primeira pergunta era: "Vai ter feriado bancário na segunda-feira?" Por lá, todos sabem que feriado bancário é sinal de

medidas drásticas e mudanças na economia.

## Cardápio

O cardápio de boatos no mercado financeiro era longo e incluía confisco de poupança; confisco de aplicações; pacote econômico na segunda-feira; compulsório; alongamento das aplicações - e por aí afora. Mas para o brasileiro comum o que apavorava era mesmo o boato do confisco da poupança.

Só a dúvida dá a dimensão do quanto ainda está presente na memória do brasileiro a decisão de Fernando Collor de bloquear as contas bancárias e as poupanças.

Naquele 16 de março de 1990 cada brasileiro ficou 50 mil cruzados novos mais pobre. Mais do que isso, mostra que o eleitor que acabou de reeleger Fernando Henrique Cardoso não vê nele mais a

mesma segurança do passado.

Afinal, na implementação do Real, os economistas de Fernando Henrique faziam questão de dizer que aquele não era um plano - mas um processo, em que não haveria surpresas, sustos, quebras de contratos ou confisco de poupança.

Quantas vezes o então ministro Antonio Kandir não passou pelo constrangimento de ouvir este discurso. Afinal, ele participara daquele grupo de Collor que optou pelo confisco da poupança.

A velocidade com que o boato se espalha e a forma como ele prosperou, ontem, devem preocupar muito o governo. São sinais de que a credibilidade de hoje não é a mesma.

**CRISTIANA LÔBO**

Repórter do Jornal de Brasília